

Guimarãesense

PUBLICA-SE AS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

Redactor principal: Avelino de Sousa — Administrador: J. P. Monteiro Girão

N.º 223

SEXTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 1864

5.º ANNO

Guimarães, 15 de setembro

O partido progressista historico obteve um triumpho completo.

Tinham previsto isso quantos conhecem as inclinações do povo.

A opinião não se deixa illudir sempre, nem em toda a parte, como n'alguns circulos d'este districto, o charlatanismo pucha por si a importancia d'uma virtude real, e auctere os creditos só devidos á verdade.

Não nos admira que os calandistas da mentira se fizessem prophetas do futuro; mas em abono da verdade não cuidamos que os Bandarras chaguentos lograssem convencer o povo.

Suppozemos mesmo que o boato indecente das excommunhões não convenceria o mais rude lavrador cazeiro a guerrear o governo. Enganamo-nos. Esta profanação indecorosa valeu a candidatura do sr. Pinto Coelho, e concorreu muito para a reeleição de outros.

O povo que é uma criança grande teve medo d'aquellas palavras terríveis de excommunhão proferidas pelo sr.

Passos, Caldas, e outros varões verdadeiramente pios, e começou a entrar com escrupulos de consciencia dignos da época do mais afastado obscurantismo!

A traz dos escrupulos vieram as insinuações, logo em seguida as ameaças, e depois toda a qualidade de abusos e de crimes revoltantes.

Viam-se andar os padres de porta em porta a dizer aos eleitores que se votassem com o governo nem a hora da morte seriam absolvidos, e ouvia-se em toda a parte que os amigos da situação eram mações!

O povo acreditou, porque não pensa, e a mentira vingou n'alguns circulos.

A palavra do exterminio era authorisada!

N'aquelle dia de juizo final de eleições a trombeta do sr. Passos souou por toda a parte, e quem a ouviu fez ajuste com a consciencia intima, poz os olhos n'aquelle modello de virtudes christãs, e não hesitou em votar no sr. Pinto Coelho!!...

Era uma desaffronta devida á consciencia do povo, e um preito merecido

de *multissima religião* do sr. Alves Passos e d'aquelles Coelhos que, em Lamego, arremessaram sobre os presos liberaes, nuvens de cal para os asfixiar!!...

Deus é grande!
A candidatura do sr. Pinto Coelho não podia perder-se!

Exulte por isso o *Bracarense*, mas não se esqueça de mostrar na corôa civica do sr. Coelho as excommunhões, de que se serviram; nem deslembre que foi esta a primeira vez que o partido progressista historico venceu, n'este districto a maioria dos seus candidatos, obtendo em todo o paiz um triumpho completo.

Quando um partido perde o pundonor e a dignidade não ha consideração que o detenha, nem conveniencia que elle saiba respeitar.

A opposição está assim.

Depois de ter jogado os dados da politica sobre a tunica de Christo, vem insultar os homens e affrontar a verdade, que todos conhecemos aqui e que presenciaram todos.

Hontem era o labou de mações, que a opposição tinha na bocca para cuspir na face a quantos viravam as costas ás suas pertençações desarrasoadas; hoje é o epitheto de desordeiros e assassinos que ella arremessa a todos que castigaram a sua immoralidade.

Hontem eram as excommunhões fulminadas pelo papa de Barroso. Hoje as calumnias do redactor do *Bracarense*!

Entre as maiores figura esta. — *revoluçã.* — *Venceu a opposição na maioria das assembléas; mas os agentes do governo, vendo-se perdidos, promoveram desordem em Monsul e na Senhora do Porto. N'uma assembléa chegaram a quebrar a urna.*

Isto é inexacto. O governo venceu a eleição nas duas assembléas da Póvoa, e foi por isso que a opposição convidou o sr. padre Francisco para ir roubar a urna á assembléa da Senhora do Porto, ameaçando de pistolas em punho o sr. Luiz Martins presidente da mesa, e dando vivas á religião de chapéu na cabeça!!

Sabia a opposição que tinha a eleição perdida, e recorreu por isso ao au-

FOLHETIM

OS VOLUNTARIOS DA MORTE

CANTO EPICO

(POLONIA)

I.

O mundo inteiro ouviu aquelle grito!...
E o mundo inteiro levantou-se em ancias...
D'onde vem o clamor? Quem soffre tanto?
Quem é que morre?... E arquejante, rívido
A estremecer na febre, convulsivo,
Mede co' a vista os horisontes largos!

Era pallido o céu—os oceanos
Beijando as terras murmuravam tristes;
Pelo dorso das grandes serranias
Passava a brisa em sonho a espreguicar-se...
Tudo tão calmo!... Mas o grito! o grito!
Se erguera immenso! Um som rouco, sinistro!
Arrancado talvez, entre torturas,
Das cavernas de um peito de gigante
Torvo, tremendo no espumar da colera!

E o mundo inteiro ouviu aquelle grito!...
Um só! Mas um poema de desgraças...
Era um adeus profundo, entre soluços!
Era um protesto ao céu arremessado!
Blasphemia horrível que se cospe á vida,
Ameaça tremenda—um som de guerra;
Um clangor estridente como aquelle
Que ha-de ouvir-se no ultimo juizo
Da tuba enorme a convocar espectros.

Ao mesmo tempo alli, na voz do martyr,
Havia não sei que sereno, pallido,
Lembrando a triste saudação que a Cesar
Tranquillo dirigia o combatente

Ao penetrar na arena—onde da Hyrcania
O tigre hirsuto escancarava as fances.
Era um suspiro de colosso oppresso!
Um grito só! Resfolegar supremo
De sanhudo titan, se debatendo
Sob a montanha—que a entestar co' as nuvens
Abalada ao fuzil do raio olympico
Com terrível troar tombou no valle!
Esse brado feroz era uma historia
Em que se ouvia o riso da loucura
Ao passo que chiava o ferro em brasa...
Um grito só, porém, um testamento!
Testamento de heróe que, estrebuchando,
Vendo as estrellas, diz adens á patria:
Homenagem a todos que soluçam;
Hymno entoado á santa liberdade;
E appello, a escarnecer, lançado á historia!...
O que havia, porém, de mais distincto
N'aquelle nota de agonia excelsa
Era um reclamo ao céu!... Aquelle grito
De uma alma sobrehumana, angustiada,
Fôra aos astros—rascára os firmamentos,
E á retinir perdido, nos espaços,
Fôra dentro do céu bradar por Deus!

II.

E o mundo quiz saber quem sobre a terra
Erguia aquella voz... que caso estranho
Vinha cheio de lugubres terrores,
Turbar-lhe o riso... que soberba victima,
Na inspiração de uma agonia heroica,
A' Deus pedia o gladio flamejante
Do terrível archanjo das batalhas,
Para atirar—talvez—o golpe extremo
E no sangue do algoz morrer cantando!
E viu então além por entre as brumas
Do norte—a figurar grandes sudarios—
Um povo inteiro—pallido, sombrio
Trajando as vestes funeraes da campa...

Era sinistro aquillo! Ia passar-se
Um cataclysmo alli—d'esses que abalam
Da terra o globo, que tranquillo volve

Nos páramos azues da immensidade...
Esse oceano gigantesco e negro
Ondulava espumoso, e rebramia
Incendido talvez por mil crateras,
Que do leito de pedra arrebetando
Dentro em seu seio vomitavam chammas.
Fôra o grito o annuncio da procella
Que ia rasgar-lhe as tepidas entranchas!
Fôra o grito—rebate clamoroso—
Ao festim da metralha convidando
Da grande morte os grandes voluntarios,
Da liberdade os Briareus tremendos!

III.

Sois vós? Sois vós? Que raça de demonios!...
Oh! calae-vos—malditos! Um suspiro,
Um gemido aos transees da agonia...
Uma palavra murmurada á sombra...
Uma syllaba á noite sussurrante...
Póde acordar o barbaro carrasco
Que, repleto de sangue, além ressonna
Junto da lança! A victima é uma estatua!
Não sabeis que o tinir das gargalheiras,
Quando as sacodem pulsos destemidos,
É uma musica horrível que atordôa,
Que embriaga as cabeças sanguinarias,
Que desafia a lâmina aguçada
Do punhal dos infames! Oh! calae-vos...
Não atireis assim aos quatro ventos.
A imprecação feroz:—ha sobre a terra
Faces cavadas pela dôr suprema,

Nas quacs não póde resvalar tranquilla
De sandade uma lagrima, em silencio...
Ha fronteas altas, pelo sol banhadas,
Resplendentes da auréola divina,
Mas cercadas de espinhos—gottejantes
De sangue e de suor: é crime erguel-as!
Onde vistes romper a catacumba
O braço descarnado do cadaver?
Mortos não fallam! Vós morrestes todos!
Vós morrestes—em pleno meio dia
Em face do porvir!... Silencio agora!

xilio d'estes meios, como soe fazer quantas vezes lhe convem.

Foi um crime inutil, porque o sr. visconde dos Oliveas, candidato ministerial, tinha obtido já maioria absoluta, mas os *pios defensores da nossa religião* não podiam deixar, por descaído da sua consciencia, de ameaçar de morte, dentro da igreja, os cidadãos progressistas, nem ficavam bem com o papa de Barroso se não alterassem a ordem e não dêssem vivas á religião!!...

Até onde chegará isto?

Os dois concelhos de Basto cumpriram nobremente o seu dever: alli a corrupção, apesar de todos os esforços que faz, não pôde nada contra a influencia d'aquelles que tem sabido grangear as sympathias populares.

Foram pois eleitos deputados o sr. Domingos de Barros Teixeira por Celorico de Basto: obteve 672 votos, e o candidato governamental, Francisco da Cunha Coutinho 82! E o sr. Guilherme Augusto de Carvalho e Abreu por Cabeceiras de Basto.

(NACIONAL)

Não temos informações do concelho de Cabeceiras e ignoramos por isso o modo como alli correram as eleições.

Em Celorico sabemos nós que correram com toda a liberdade e que a authoridade nem sequer interviu directamente n'ellas. O sr. Francisco da Cunha foi proposto por dois amigos seus e sem caracter de candidato governamental.

Não sophismem a coisa, que não merece a pena. O sr. Barros conhece apenas que não é necessario que vá alli o sr. duque de Loulé para lhe tirar trez votos; e para outra vez não tendo o apoio d'alguns publicos funcionarios ha-de conhecer que a respeitabilidade devida á sua pessoa, em tudo digna, não bastará a attenuar a má impressão que causa no animo dos seus

conciencia a politica errada que s. ex.^a segue.

O Nacional pôde pôr luminarias pelo triumpho do sr. Barros, mas fallando em corrupções fere aquelles agentes de s. ex.^a que andaram a pregar excommunhões pelas freguezias: magoa os seus amigos, que falsificaram o recenseamento, e offende o pundonor d'aquelles publicos funcionarios, que auxiliaram, pela influencia dos seus cargos, a reeleição do illustre deputado! Esta é a verdade.

A opposição está magnifica!

Depoz o trabuco e as contas e vem agora para a imprensa queixar-se, que a queriam assassinar!

Ora srs. o paiz não é tamanho para que se não saiba o que se passou.

Consollem-se muito embora da derrota que soffreram, ou da insignificante maioria com que em algumas partes venceram, mas não dourem a pilula deturpando os factos, porque isso só prova malvadez, e o grande ferro com que ficaram.

Essa historia d'assassinos, é uma historia muito ridicula.

Creiam n'isso.

A imprensa reaccionaria tinha-se por ali esfalfado a clamar contra a actual situação, e em nome do povo protesta a esmagar na urna as hidras revolucionarias: mas, oh! fatal desengano! a urna sabia-lhe muito ingrata, e os candidatos governamentais apparecem eleitos por toda a parte com uma estronzoza maioria!!

Como explicarão agora os inventores das excommunhões, e os salteadores da urna, esta saliente mani-

festação a favor do partido historico?!

Já aqui dissemos, que na Povoia de Lanhoso na assemblea da Senhora do Porto a opposição praticou alli as maiores gentilezas!

Um padre (!) entrou na igreja com o chapéu na cabeça, e apontando duas pistolas aos membros da mesa, roubou a urna, entoando *vivas á santa religião!!!* Depois mandou apedrejar a força armada, e se os membros da mesa não se acautelassem eram victimas do fervor religioso d'este digno caudilho da opposição.

Esão estes *varões prestantes*, que fallam em *excommunhões* e *maçonarias*, e não tem escrupulos de praticar os maiores crimes no proprio templo de Deus!!

Era um padre o commandante em chefe!!—Um padre!...

Grande derrota para o sr. Francisco Manuel da Costa que anda muito *azabumbado* e com razão. Dizem que s. ex.^a se queixa amargamente dos miguelistas, aos quaes offereceu e dedicou o seu diminuto prestimo no primeiro circulo, e estes, não só lhe deixaram levar aquella monumental derrota no segundo circulo, mas até andam atrás d'elle a gritarem-lhe *ó Francisco, olha os foguetes*.

Sentimos o desgosto porque s. ex.^a está passando e pedimos-lhe que se conforme com a vontade de Deus, como bom christão que é.

(Progresso).

O illustrado correspondente do *Journal do Porto* moralisa do seguinte modo a eleição do sr. Pinto Coelho pelo primeiro circulo de Braga:

Raros são os circulos do continente do reino, cujo resultado eleitoral se ignora hoje em Lisboa; e com tudo não passam de vinte e quatro os deputados eleitos com a feição de *declaradamente* opposicionistas. E entre estes são apenas dois os representantes do partido antidynastico: coube ao districto de Braga, e especialmente ao 1.^o circulo, d'aquella cidade, bem como ao de Celorico, a *distincta honra* de enviar ao parlamento esses dois apóstolos do velho regimen.

O sr. Pinto Coelho é uma das illustrações do paiz; no fóro e na tribuna tem, d'hamuito, exhibido as provas incontestaveis da sua alta intelligencia e crudição; porém, a sua procuração por um dos circulos de Braga é um contra-senso, senão uma nodoa de ridiculo sobre a terceira cidade do reino, a qual nenhum beneficio deve a este cavalheiro, que nenhuma consideração lhe tem merecido jámais, e que, se votou n'elle, não foi de certo com o intuito de prestar homenagem ao talento e illustração do sr. Pinto Coelho, mas unicamente para proclamar ao paiz inteiro que é ainda a Braga *fiel* de 1828; escrava d'uma velharia absurda, e eadando tímida contra as ideias de liberdade: de que tem usado (e até abusado) amplamente, e sob cujo influxo vivificador tanto tem prosperado no ultimo trintennio.

E' esta realmente a unica maneira de explicar a reeleição do principal caudilho do partido miguelista; que por nenhum outro titulo tem direitos á gratidão ou sympathia dos bracarenses, sacrificando estes um moço, também distincto e talentoso; seu conterraneo, estimado pelas suas excellentes

IV.

Nada os abala. São tranquillos todos
E olham para o céu. Pesadas nuvens
Rolam negras. Fatidico relampago
Fendendo a noite no seu véo cerrado
Brilha, corre, volta em giro doido.
Dir-se-hia—que o dedo do destino
Grava, na escuridão, sobre essas frentes,
Palavras cabalisticas de morte,
Tremendas e agoureiras prophcias. . .
Não importa! Ouviria Deus o grito?
Ouviria? . . . Não sei! Mas nas planuras,
Nesses steppes tristes e medonhos
Que se embrenham, nas trevas, infinitos—
Branços de gelo e negros de carrascos,
Furacão de abafado desespero
O grito retumbou. . . longe e bem longe. . .

V.

Que choque foi aquelle? O céu toldado
De nuvens de fumaça! O ronco surdo
Dos canhões a cantar na grande orchestra
Da sinistra bretonne! Uma floresta
De foices a segar montões de gente
Com zunido feroz,—e derramando
Chuvas de sangue sobre o chão revoltado!
Fendendo os ares, lanças fumegantes
Brandidas por demonios! Cantos doidos!
Estridentes, homericas risadas,
Como as de um ente humano que estrangulam!
Massas enormes á ullular de raiva!
Um soturno tropel. . . Ginetes feros
As lufadas do norte, relinchando,
A' correr sobre um chão crivado todo
De valentes heróes mordendo a poeira!
Mulheres semi-nuas, arrastadas
Se estorcendo ao vibrar de ferreo açoite!
Craneos voando! Creancinhas louras
Rasgadas pelos pulsos do carrasco!
Um tombar de palacios e chonpanas!
Um tremendo arrazar de mil cidades!
Correria de archotes crepitanes!

Labaredas immensas se alastrando!
Linguas de fogo que lambendo a terra
Vão no alto do céu — tingir as nuvens
De sinistros clarões. . . Que scena aquella!

VI.

Quando lá no Oriente magestoso,
O sol brilhante se elevou sorrindo,
Com seus raios dourados espancando
As sombras d'essa noite — e quando as flores
A's brisas da manhã se balançaram. . .
O mundo palpitou. . . é vio no campo
Da batalha que, longo, retumbara,
Uma nuvem de fetidos cossacos
A cavallo — em selvagem vozeria,
Rompendo as ondas e nadando ovantes
N'um mar de sangue que cobria a terra.

O que fez elle então? Oh! miseravel
Não me animo a dizello. . . Tenho medo
Dessa figura colossal e fria
Que se destaca pensativa ao longe
Nas nevoas do porvir. . . Oh! tenho medo
Da sentença da historia! D'esse látego
Que açoita as gerações apodrecidas,
No lodo vil dos sentimentos impios!
Ha labios sacrosantos que excommunham
Cobardes e assassinos. . .

Oh! cabarde!

Cobarde é o meu silencio! O mundo inteiro
Em face d'esse sangue, ardente ainda,
De pismo estremeceu — sorriu-se alegre,
E disse radiante: « Bravo! Bravo!
« Eis a Polonia ainda no patibulo! . . . »
E a terra toda retumbou de bravos.

VII.

Pois bem! Pois bem! Enquanto envilecidas
As nações, com o Nero — aquelle infame
Que do alto da torre, a lira em punho,
Cantava alegre ao vêr a sua Roma
Refervendo na immensa labareda —

Emquanto essas nações applaudem rindo
O sombrio assassinio d'esse povo,
Que renasce do sangue e das ruinas,
E sempre a sacudir nos ares negros
O seu negro estandarte — qual mortalha
Destinada ao cadaver grandioso
Do deus da liberdade; — enquanto todos
Miram tranquillos a moderna Sparta,
Onde as mãs os filhinhos adormecem
Entoando as canções de seus maiores,
Canções de guerra que respiram polvora;
Emquanto a raça dos heróes sanhudos,
A tribu dos leões de juba ardente;
Faz descorar os mythos do passado
As façanhas incriveis, portentosas,
Dos guerreiros de Ossian e de Homero;
Ao tempo em que mimosos diplomatas
Em divans de velludo reclinados,
De um protocollo infame estudam syllabas
E pezam virgulas em balanças d'ouro. . .
Emquanto tudo ri. . . o bardo chora.

O' Polonia! Polonia! Quando a terra
Se resolver perdida — e o captivo;
Na ironia calcar seu ferreo guante
Sobre a cerviz dos povos idiotas —
Quando tudo fór vicio, infamia, lama;
Quando os labios humanos polluidos
E sem brio — dos despotas beijarem
As botas iusolentes! Oh! Polonia!
O bardo, então irá, — pio romeiro —
Prantear no teu vasto semitero. . .
E lá beijando a poeira sacrosanta
Onde descansas a viril cabeça,
Aos ventos dos Uraes que mugem feros,
Dirá, co'a yoz sumida entre soluços:

« Das crenças nobres, o sepulcro é este!
« Dormem aqui seu somno derradeiro
« Da grande morte os grandes voluntarios
« Da liberdade os Briareus tremendos!

PEDRO LUIZ.

PARTE OFFICIAL

Regulamento geral da lei hypothecaria.

TITULO IV

Do serviço do registro predial nas suas relações geraes com os conservadores e pessoas requerentes, e com o governo.

(Continuado do n.º 222)

Art. 67.º A entrega do titulo registado com o certificado competente será o ultimo acto do serviço com relação á pessoa que tiver requerido o registro.

Art. 68.º As partes poderão, para mais clareza, exactidão e brevidade dos registros, apresentar-se na conservatoria munidas das minutas dos respectivos extractos, em que comprehendam não só as circumstancias que constarem dos titulos, mas todas as de que por fóra d'elles tiverem conhecimento, e lhes for conveniente mencionar no registro (lei hypothecaria, artigos 45.º e 46.º).

§ unico. Estas minutas serão assignadas pelos apresentantes, e por ellas se guiará o conservador se depois de as ter confrontado com os titulos as não achar em opposição com o que n'elles for expresso, porque no caso contrario será pelos titulos e declarações que os extractos deverão ser feitos e lançados.

Art. 69.º Os registros serão feitos sem emenda nem rasura. As entrelinhas, que forem indispensaveis e tiverem cabimento, serão resalvadas á margem da pagina fóra das columnas. Se não tiverem cabimento, o registro se traneará na parte que estiver escripta, com a simples nota de « inutilizado », que o conservador rubricará, e depois e começará de novo.

Art. 70.º Sempre que o conservador tomar uma inscripção como provisória, em conformidade com este regulamento, assim o deve declarar expressamente, tanto no contexto do registro, como por annotação.

Art. 71.º Os erros materiaes do registro, e que o não alterarem substancialmente, poderão ser rectificadas por iniciativa do proprio conservador, e ex-officio, ou a instancia de qualquer das partes interessadas.

§ 1.º Para que possa em um e outro caso fazer-se a rectificação, deverá o conservador convocar todos os interessados activa e passivamente no registro, dirigindo-lhes officios, em que lhes designe o dia e hora em que devem comparecer na sua conservatoria, e o fim para que são convocados; coadjuvando-se reciprocamente os conservadores das diversas conservatorias para que os sobreditos officios sejam devidamente entregues aos interessados residentes no districto de qualquer d'ellas.

§ 2.º Reunidos os interessados no dia e hora designados, se concordarem todos entre si, e com o conservador em fazer-se a rectificação, effectuar-se-ha ella reduzindo-se esse accordo a termo, assignado pelo conservador e interessados, do qual o conservador fará um extracto, que lançará em annotação no livro respectivo, e no lugar correspondente da columna das annotações; devendo o sobredito termo ficar archivado na conservatoria e o conservador entregar a cada um dos interessados um certificado da annotação feita.

§ 3.º No caso de que todos ou algum dos interessados deixem de comparecer no dia e hora designados para se tratar da rectificação, não será es-

sa falta motivo sufficiente para que se não faça; mas se os interessados não concordarem entre si, e com o conservador acerca d'ella, somente poderá a mesma fazer-se com precedencia de decisão do juiz, que o determine, nos termos dos artigos 67.º e 68.º da lei hypothecaria.

Art. 72.º Chegada a hora de fechar as conservatorias, nenhum acto de serviço poderá ser praticado, excepto a annotação de encerramento no diario na qual se indicará o numero de apresentações de titulos para registro.

§ unico. Se ninguem, durante as horas fixadas vier requerer registro, assim se dirá no mencionado encerramento.

(Continua).

NOTICIARIO

A Polonia.—Damos hoje á publicidade esta magnifica poesia, que devemos á muitissima deferencia do nosso antigo correspondente do Rio de Janeiro.

Quem a ler terá occasião de mais para avaliar o quanto a litteratura floresce n'aquelle vasto imperio.

Ao nosso illustre amigo agradecemos nós tão mimosa offerta, e protestamos pelos seus obsequios respeitosa a nossa gratidão.

Chronica eleitoral.—*Figueira*—(1.º circulo)—José de Moraes Pinto d'Almeida—governamental.

2.º circulo—Manuel José de Sousa Junior—governamental.

Bouças—barão do Vallado—governamental.

Marco de Canavêzes—Antonio Pinto de Magalhães Aguiar—governamental.

S. João da Pesqueira—Antonio Julio Ferreira—governamental.

Taboão—ministro das obras publicas.

Lamego—Francisco Gavicho Tavares de Carvalho—governamental.

Resende—Manuel Pereira Dias—governamental.

Sinfães—Ricardo Augusto Pereira Guimarães—governamental.

Castro d'Aire—Antonio Augusto Soares de Moraes—governamental.

S. Pedro do Sul—José Correia d'Oliveira—oposição.

Oliveira de Frades—José Ignacio Homem de Gouveia—governamental.

Tondella—Thomaz Ribeiro—oposição.

Carregal—Francisco Coelho do Amaral—governamental.

Mangualde—Bernardo d'Albuquerque e Amaral—governamental.

Vizeu—Francisco Antonio Barroso—governamental.

Penha do Castello—Luiz Xavier de Carvalho—governamental.

Villa-Franca—José Augusto Gama—governamental.

Abrantes—João Antonio dos Santos Silva—governamental.

Loulé—João Antonio de Sousa—governamental.

Setúbal—Annibal Alvares da Silva—governamental.

Barquinha—Julião Mascarenhas—governamental.

Pombal—Custodio Joaquim Freire—governamental.

Porto de Moz—dr. Carvalho—governamental.

Caldas da Rainha—dr. Antonio Carlos da Maia—governamental.

Tavira—barão do Zezere—governamental.

Cintra—Francisco da Costa e Silva—oposição.

Odemira—Eduardo Cabral—governamental.

Portalegre—João da Fonseca Coutinho—governamental.

Elvas—João José d'Alcantara—governamental.

Redondo—José Maria Rojão—governamental.

Almada—Francisco Ignacio Lopes—governamental.

Aljô—Sebastião da Nobrega Pinto Pizarro.

Aveiro (circulo 54)—Manuel José Mendes Leite—governamental.

Aguada (53)—Sebastião de Carvalho e Lima—governamental.

Anadia—Antonio Rodrigues Vidal—governamental.

Ovar—Francisco de Paula Lobo d'Avila—governamental.

Feira—Anselmo Braamcamp—governamental.

Arouca—Vicente Carlos de Sá Brandão—oposição.

Baião—Antonio Camillo de Almeida Carvalho—governamental.

Porto (circulo 21)—visconde de Lagoaça—oposição.

Colheitas.—Vão em meio as colheitas por estes sitios. Da grande affluencia de renovos ao mercado tem resultado a baixa do preço respectivo, sendo já exportados para o Porto e outras terras.

Vindimas estão em grande parte já feitas, principalmente nas aldeas circumvisinhas. Em geral, o vinho que escapou, prova bem assim no rendimento, como na qualidade. Valha ao menos isto ao pobre labrador.

Casamento.—Hontem, antes do sol nascido, contrahiram o sancto sacramento do matrimonio na igreja do Carmo d'esta terra um dos filhos do ill.º sr. Domingos Antonio da Silva, proprietario d'este concelho, e a ex.ª sr.ª D. Anna Emilia Leite Correa d'Almeida, filha segunda do ex.º conde d'Asenha.

Concluido o acto retiraram os contrahentes a uma quinta proximo ás Taipas, onde tencionam passar a primeira quadra conjugal.

Desejamos aos jovens noivos doce e continuada lua de mel.

Tempo.—Ha dois dias que cabe copiosa chuva. Se não for continuada talvez não desproveite aos fructos por colher.

Chegada.—Chegou ante-hontem de Celorico de Basto a esta cidade o nosso amigo o ill.º sr. Avelino de Souza, redactor principal d'este jornal, e o ex.º sr. Adolpho Mesquita da casa do Prado e seu irmão.

Outra.—Chegou hontem com destino ás caldas de Vizella o sr. José de Moraes Pinto d'Almeida, ultimamente elleito deputado pela Figueira.

Partida.—A' dias que partiu para a cidade de Lisboa, sua patria, o meretissimo juiz de direito d'esta comarca o ex.º sr. João Ignacio Holbeche. S. ex.ª vai gozar entre seus parentes e amigos 40 dias de licença.

Inauguração.—Terça feira inaugurou-se em Lisboa a columna que os italianos vão levantar para commemorar o consorcio de S. M. a Sr.ª D. Maria Pia com El-Rei D. Luiz.

Facto censuravel.—Com esta epigraphe conta o *Commercio do Porto* que foram afixados avisos por toda a cidade, declarando que o sr. visconde de Lagoaça dava esmolas de 500 e 200 réis para festejar o seu triumpho eleitoral.

Por este motivo affluio uma grande multidão de pobres ás ruas de Alegria e Formosa, sendo necessario patrulhas de cavalleria para os fazer dispersar.

Um pae desnaturado.—Le-se no *Commercio do Porto*:

O *Jornal de Catania* dá a seguinte

qualidades e respeito geralmente pela inconcussa probidade e rectidão com que tem desempenhado os cargos da magistratura judicial nos diferentes logares em que tem servido.

Quando a maior parte das terras do reino protestam contra a imposição dos candidatos extranhos á localidade, e proclamam a independencia do seu campanario, proferindo escolher dos seus uma mediocridade a fazerem-se representar por uma « illustração » de fóra—a cidade de Braga, que conta entre seus filhos muitas illustrações que a honrariam no parlamento, proferem ostentar publicamente a sua pobreza de homens, indo mendigar á capital quem lhe acceite a procuração de deputado em côrtes!

Não disse bem; não foi á capital, foi aos venerandos restos d'um partido caduco. Felizmente, entre os secretarios do principe proscripto ha meia duzia de capacidades notaveis, e os bracarenses encontraram « o seu homem » mesmo em Lisboa: mas—se o não tivessem em Lisboa, iriam buscar-o a Freixo-d'Espanha-á-Cinta ou a Salvaterra do Extremo, ou... fosse onde fosse; se o não houvesse « disponível » com os dotes da intelligencia que tem o sr. Pinto Coelho, escolheriam o primeiro analfabeto, o primeiro alarve que a sorte lhes deparasse, com tanto que tivesse trazido ao peito a real effigie, ou descendesse « pur sang » e « fidelissimo » dos que mandavam armar forcas e espetar em pinheiros as cabeças dos seus compatriotas, que tinham o arrojo de pensar livremente no futuro da nação.

Posto que o sr. Pinto Coelho mal possa desempenhar proficuamente o seu mandato pela desfavoravel posição que sempre occupa na camara, não desejaria vê-lo eclipsas de S. Bento; e desejo vê-lo na sua cadeira, não só por que folgo de vêr considerado o seu relevante merito, mas porque, mesmo a sua entrada no parlamento, é uma homenagem que elle presta involuntaria ao principio que combate. Todavia, desejára antes vê-lo eleito por um circulo onde houvesse « menos » a « quem eleger » do que no 1.º de Braga, ou então por algum dos de Lisboa, onde deve ser melhor apreciado, e que de certo representaria com mais distincção do que parte dos honrados cidadãos, elevados ultimamente pelos caprichos da politica aos eminentes cargos de deputados da capital do reino.

Não recebemos hoje carta do nosso correspondente de Lisboa. Ignoramos se o desvio proveio do correio, como já tem acontecido, se porque o nosso correspondente effectivamente não escreve.

TELEGRAPHIA ELECTRICA

Madrid.—Tendo resolvido todo o ministerio pedir a demissão, assim o participou á rainha o presidente do conselho.

Continua a crise ministerial; e é provavel que seja chamado o marechal O'Donnell, duque de Tetuan, para substituir o sr. Mon.

Mexico.—O Imperador Maximiliano visita as provincias do imperio.

Os bandos juaristas tem soffrido novas derrotas.

noticia de um crime horrivel desco-
berto em Aci-Reale:

Ha sete annos, um homem, chama-
do Salvator Lanza, perdeu sua mulher
que lhe deixou uma filha proprietaria
de uma fortuna pessoal de 6:000 fran-
cos, que devia pertencer a seu futuro
esposo.

Salvator Lanza fez desaparecer de
casa sua filha, fazendo acreditar aos
parentes e amigos que ella endonde-
cera e que elle a pozera em uma casa
de alienados.

Pouco depois, annunciou que a filha
tinha morrido, e, desde então, frequen-
tava muito as igrejas, dando signaes de
fervorosa piedade.

Ha cinco dias, o sub-perfeito teve
denuncia de que a pertendida morte da
filha de Lanza occultava um crime
enorme e que a joven rapariga tinha
sido encerrada em um subterraneo,
onde a faziam morrer lentamente.

Um agente da policia apoderou-se
de Salvator Lanza, e foi ao logar que
lhe tinha sido indicado e onde se ou-
viam surdos gemidos.

A casa pertencia a Lanza e estava ha
muito deshabitada.

Penetrou-se na casa e encontrou-se
no subterraneo uma mulher inteira-
mente nua, deitada n'um monte de
cinzas e coberta de vermes e insetos.

Era um verdadeiro cadaver que res-
pirava ainda.

Esta rapariga, vendo diante de si
figuras humanas, sentiu-se ao mesmo
tempo atacada de panno e de tremu-
ras nervosas.

Interrogaram-na, mas a infeliz não
respondeu, fazendo somente compre-
hender que tinha vergonha da sua u-
lzez.

Algumas mulheres foram encarrega-
das de a livrar dos insectos, que lhe
formigavam no corpo, e dos vermes
que tinha nas chagas.

Esteve sete annos n'aquelle fetida
caldouco, alimentada com pão negro
e agua, que a piedade de seu pae lhe
concedia.

Lanza foi posto a disposição do pro-
curador regio.

Cereaes. — O preço dos cereaes
no mercado de 10 de setembro n'esta
cidade foi o seguinte:

Trigo.....alqueire	\$960 réis
Centeo.....	\$500 "
Milho alvo.....	\$660 "
D.º branco.....	\$600 "
D.º amarello.....	\$580 "
Painço.....	\$540 "
Farinha.....	\$630 "
Feijão vermelho.....	1\$000 "
D.º branco.....	\$900 "
D.º amarello.....	\$840 "
D.º rajado.....	\$780 "
D.º fradinho.....	\$600 "
Batatas.....	\$320 "
Cevada.....	\$800 "
Azeite.....almude	5\$600 "
Vinho.....	\$800 "

CORRESPONDENCIA

Sr. editor do Vimaranesense. — Na sua
folha de 13 de setembro do corrente
mez, vem no fim de uma das ultimas
columnas a seguinte declaração
« José Pereira Vianna, apontador —
de 1.ª classe das obras publicas do dis-
tricto de Braga, faz publico que tendo
sido ameaçado pelo parcho de Me-
dello, José Lopes Vieira de Castro e
e pelos chefes do partido oppo-
sicionista, declara ao publico e as au-
thoridades da comarca de Fafe que, se
alguem pozer em risco a sua vida, não
deverem creminar outras pessoas a não
serem os supracitados. — Fafe 12 de se-
tembro de 1864. — José Pereira Vian-
na.»

E tanta a gente denunciada n'este
covardissimo appello, que se ha por
ventura alguém que tenha o capricho
de despejar do mundo para a valla das
podridões o tal canteiro, ali fica assa-
ralhopado o atilamento proverbial da
policia Fafense.

Ora permita-me v. s.ª que eu des-
carne esta novissima protervia dos
meus inimigos.

Foi o caso assim. — No domingo, 11
de setembro, em que este concelho
presenciou, para vergonha da historia
politica d'este paiz, os mais atrozes at-
tentados contra o exercicio da sobera-
nia popular, foi meu primo o paro-
cho de Medello, padre José Lopes Viei-
ra de Castro, saltado nas proximida-
des de Moreira por um de trez assassi-
nos assalariados para o matarem. Sal-
tou elle abaixo do seu cavallo, carre-
gou sobre o malvado, e o dedo velador
da Providencia ajoelhou-lhe aos pés,
forçando-o a cuspir no pó o nome dos
seus negociadores.

Declarou o assassino que tinha sido
entregue pelo tal Vianna, elle e os
seus companheiros, ao regedor de S.
Gens, com ordem terminante de lhe
obedecerem em tudo; que com o mes-
mo regedor tinham corrido, na noite
anterior, as casas dos lavradores
votantes, e a todos tinham sido obri-
gados a ameaçar de morte no caso de
rebelia á auctoridade; que haviam si-
do chamados, por um officio do mes-
mo Vianna, da estrada de Gandarella
aonde trabalhavam; que não eram,
enfim, elles os culpados, porque obe-
deciam a quem lhes matava a fome.

Ora eu soube isto em Fafe ao fim da
tarde de domingo, quando cheguei da
assemblea de Villa Cova; o espirito pu-
blico andava triste e agitado; a mim
indignou-me tambem a infamia, e não
pude resistir ao impulso de procurar,
na loja de Antonio Joaquim Lobo, o
comprador dos assassinos da minha

familia, que depois me disseram se-
condena-la. Foi isto o que diz, e nada
mais.

O parcho de Medello tinha-o visto
mais cedo no mesmo sitio, aonde se
achava tambem a auctoridade. Fi-
tou-o, e disse-lhe que elle costumava
arrancar a lingua dos seus assassinos.

Poderá pois acontecer que o cantei-
ro appareça sem lingua, mas ninguem
se lembra de arrancar a vida d'um cor-
po, que não tem prestimo para nenhu-
ma cultura. Dos chefes opposicionistas
de Fafe sei que nenhum passo houve,
que authorisasse a declaração infame.

E publico e notorio que vieram os
assassinos assalariados, por esse mise-
ravel, e elle mesmo tacitamente o con-
fessa, não dizendo uma palavra em sua
defesa.

A razão é clara, — estamos na qua-
dra escura do baixo imperio, — os che-
fes de quadrilha deixam-se malicioso-
mente denunciar por taes, porque sa-
bem que é certa a paga dos mercena-
rios devassos.

Ahi tem, sr. editor, o que ha de ver-
dade sobre este facto. Das mil corrup-
ções com que n'este paiz, e sobre tudo
n'esta terra, se tem andado a depravar
a educação politica do povo portuguez,
é n'outro logar que me cumpre fazer
queixas, e n'outro logar é que para el-
las devo pedir remedio. E desde já o
previno, sr. editor, de que se esta ma-
tula de escrevedores indecentes, que
a dois mezes aturo com grande incom-
modo d'espirito e maior desperdicio de
tempo, continuar a babar-se pela im-
prensa, que lhe não fecha as portas;
nem terá attentções com os primeiros,
nem com a segunda, o homem que
precisa de aproveitar no estudo o tem-
po, que os assassinos perdem ás vezes
por desfastio em caiar papel.

Casa do Ermo, 14 de setembro de
1864.

J. C. Vieira de Castro.

ANNUNCIOS DIVERSOS

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Bibliotheca das Damas

Collecção de romances esco-
lhidos, lendas, contos e nar-
rativas

DEDICADA AS SENHORAS PORTUGUEZAS
E BRAZILEIRAS

(3.ª serie)

Publicou-se o n.º 28.º, que é o 2.º
tomo da DAMA DAS CAMELLAS.

Preço para o Porto, 120 réis cada
numero, pagos no acto da entrega,
que é feita em casa dos srs. assignan-
tes.

Para as provincias não se tomam
assignaturas por menos de 6 ou 12
numeros, pagos adiantados, na razão
de 150 réis cada um, para serem en-
viados francos de porte.

Os srs. das provincias que tinham
assignado até ao n.º 12, queiram man-
dar reformar suas assignaturas, sem o
que não lhe será continuada a remessa
da BIBLIOTHECA.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Sem estampilha)

Por anno.....	2\$400 réis.
semestre.....	1\$200 "
Folha avulsa.....	\$040 "

Este romance contém 12 volumes e
vende-se avulso por 2\$400 réis.

REPORTORIO DAS CAMARAS

Publicou-se o n.º 16 d'este util jor-
nal, que tem por fim especial zelar e
advogar os interesses dos municipios
pela imprensa.

Sahe nos dias 8, 15, 23 e 30 de cada
mez.

Recebem-se assignaturas unicaimen-
te em Lisboa, por meio de ordens de
pagamento, valles do correio ou em
estampilhas.

A correspondencia deverá ser diri-
gida a D. Miguel de Alarcão, no escri-
torio da redacção do **Reportorio**
das Camaras, rua da Procição,
n.º 25, 1.º andar.

Os preços das assignaturas, pagas
adiantadas, são os seguintes: Provin-
cias, por anno 3\$600, semestre 1\$900,
trimestre 1\$00 réis.

N. B. — As despesas do correio po-
dem ser incluídas no importe das as-
signaturas.

(Com estampilha)	
Por anno.....	2\$880 réis.
semestre.....	1\$440 "
BRAZIL, pelos paq., por anno..	5\$000 "
semestre.....	2\$500 "
Por navios de vela Porto ou Lisboa, por anno.....	2\$880 "

AGRADECIMENTO

Valentim Brandão Morei-
ra de Sá Netto Maler e suas
filhas, e filho do mesmo no-
me, penhorados pela honra e
consideração que recebe-
ram de todos os ill.ªs srs. e
ex.ªs sr.ªs e mais pessoas, que
se dignaram cumprimen-
tal-os por occasião da amara-
ga noticia que receberam da
infausta morte de seu mal-
afortunado filho e irmão An-
tonio Zeferino Moreira de
Sá, acontecida na cidade da
Praia de S. Thiago em Cabo
Verde, deixando na orphan-
dade trez filhinhas, sua es-
posa e sogra; — agradecem
cordalmente tão distincto
e sempre lembrado obze-
quio, protestando sua cons-
tante gratidão.

A meza da veneravel ordem Ter-
ceira serafica d'esta cidade, preci-

za de um enfermeiro, e uma em-
fermeira, para o seu hospital, que
tenham as habilitações necessa-
rias. Quem pertender o dito lugar
pode faser á meza o seu requeri-
mento, para se habilitar no con-
curso que perante a mesma tem
de fazer-se. O ordenado é de réis
160\$000 com as obrigações que
estão patentes na secretaria da
ordem.

Guimarães 12 de setembro de
1864.

O secretario

João Antonio da Silva Areias.

3 QUEM pertender 500\$000 réis a ju-
ros dando as seguranças precisas
falle com o thesoureiro da irmandade
de S. José, rua da Tolha em casa do
sr. José Maria da Costa.

Publicações litterarias serão annunciadas, re-
cebendo a redacção dois exemplares.
A correspondencia será dirigida, franca de
porte, á redacção d'este periodico, ou ao
administrador Julio Pinto Monteiro Girão.
Os primeiros seis mezes da assignatura são
pagos adiantados.